

A SÍNTESE DO IOGA

Sri Aurobindo

20 – A Ação da Igualdade

08.05.22

(Parte IV – Capítulo XIII)

- A Aventura da Consciência e da Alegria -

Ciclo de Estudos da CASA Sri Aurobindo

2020 - 2022

IGUALDADE

Superioridade
às reações da
mente e vida

- Unidade
- Entrega
- Desapego
- Aceitação

As distinções já feitas terão mostrado suficientemente o que significa o estado de igualdade.

Isso não é mera quietude e indiferença, não é retirar-se da experiência, mas é uma superioridade em relação às reações atuais da mente e da vida.

É uma maneira espiritual de responder à vida ou, antes, de abrangê-la e fazê-la se tornar uma perfeita forma de ação do self e do espírito.

É o primeiro segredo da mestria da alma sobre a existência.

Quando possuímos a igualdade de maneira perfeita, somos admitidos no próprio terreno da natureza espiritual e divina.

O ser mental no corpo tenta compelir e conquistar a vida, mas a cada vez é compelido por ela, porque está submetido às reações de desejo do self vital.

Ser igual, não ser dominado pela força de desejo,
qualquer que seja essa força,
é a primeira condição da mestria real,
e sua base é o autodomínio.

Mas uma mera igualdade mental,
por mais forte que seja,
é dificultada pela tendência à quietude.

Ela deve proteger-se do desejo limitando a vontade e a ação.

Somente o espírito é capaz da sublime rapidez de uma vontade imperturbável
e, ao mesmo tempo, uma paciência sem limites;
igualmente justo em uma ação lenta e cadenciada
ou em uma ação rápida e violenta,
igualmente seguro em uma ação traçada com cuidado e limitada,
ou em uma ação vasta e enorme.

Ele pode aceitar o trabalho mais modesto
no círculo mais estreito do cosmos,
mas pode agir também no turbilhão do caos
com compreensão e força criadora;

e essas coisas ele pode fazer porque sua aceitação desapegada,
e ao mesmo tempo íntima, traz a ambas ações
uma calma, um conhecimento, uma vontade e um poder infinitos.

Ele tem esse desapego porque está acima de todos os eventos,
de todas as formas, ideias e movimentos,
e os abrange em sua extensão;

e ele tem essa aceitação íntima porque é uno com todas as coisas.

Sem essa experiência profunda da unidade livre,
ekatvam anupasyatah,
não pode haver a completa igualdade do espírito.

PRINCÍPIOS DA PSICOMOTIVIDADE	
1. O ser humano é um ser integral, formado por corpo, mente e espírito.	2. O ser humano é capaz de desenvolver suas potencialidades físicas, mentais e espirituais.
3. O ser humano é capaz de superar suas limitações e alcançar o bem-estar.	4. O ser humano é capaz de transformar sua realidade.
5. O ser humano é capaz de alcançar a liberdade e a felicidade.	6. O ser humano é capaz de alcançar a plenitude.

A primeira tarefa do *sadhaka* é
ver se possui a igualdade perfeita e em que medida;
ou então, ele deve encontrar a falha
e exercer com regularidade sua vontade em sua natureza,
ou chamar a vontade do *Purusha*,
a fim de desembaraçar-se do defeito e de suas causas.

Ele deve possuir quatro qualidades:
primeiro, a igualdade no sentido mais prático e concreto do termo, *samata*,
ser livre de todas as preferências mentais, vitais e físicas
e aceitar com serenidade todas as obras de Deus nele e em torno dele;
em seguida, uma paz sólida
e uma ausência de perturbação e desassossego, *santi*;
depois, uma completa felicidade espiritual
e um bem-estar espiritual do ser natural que nada pode diminuir, *sukham*;
e a quarta, uma alegria clara e o sorriso da alma, que abraça a vida e a existência.

Ser igual é ser infinito e universal,
não limitar-se, não prender-se a essa ou àquela forma da mente e da vida
nem às suas preferências e desejos parciais.

Porém, visto que o ser humano em sua natureza normal atual,
vive em suas formações mentais e vitais e não na liberdade de seu espírito,
sua condição normal também é ser apegado a essas formações
e aos desejos e preferências que elas envolvem.

Aceitá-las é, no início, inevitável, ultrapassá-las é difícil ao extremo
e, talvez, não seja de todo possível
enquanto formos obrigados a usar a mente
como instrumento principal de nossa ação.

Portanto, a primeira necessidade é, ao menos, remover-lhes o aguilhão,
privá-las, mesmo quando persistem, de suas insistências mais fortes,
de seu egoísmo atual, de sua apropriação mais violenta de nossa natureza.

O teste para verificar se conseguimos isso é a presença de uma calma imperturbável na mente e no espírito.

O *sadhaka* deve estar vigilante e assumir a posição do *Purusha*, que, detrás da mente, observa e consente ou, melhor ainda, logo que puder, ele se manterá acima da mente e repelirá mesmo os menores indícios ou incidência de perturbação, ansiedade, aflição, revolta, agitação em sua mente.

Se essas coisas aparecerem, ele deverá detectar logo sua origem, o defeito que elas indicam, a falha da reivindicação egoística, do desejo vital, da emoção ou da ideia que as suscita, e desencorajá-las por sua vontade, sua inteligência espiritualizada, pela unidade de sua alma com o Mestre de seu ser.

De nenhum modo ele deverá desculpá-las, por mais natural, justo ou plausível uma desculpa possa lhe parecer, nenhuma justificação interior ou exterior.

Se for o *prana* que estiver agitado e reclamar,
ele deverá separar-se do *prana* agitado,
manter sua natureza superior em *buddhi*
e, com a ajuda da *buddhi*,
educar e rejeitar as reivindicações da alma de desejo em si mesmo
– e agir do mesmo modo também,
se forem as emoções do coração que protestarem e perturbarem.

Por outro lado,
se a própria vontade e a própria inteligência
estiverem atrapalhadas,
a perturbação será mais difícil de controlar,
porque então será seu auxiliar e instrumento principal que
se tornará cúmplice da revolta contra a Vontade divina,
e os velhos desvios dos elementos inferiores
aproveitarão dessa sanção para levantar suas cabeças diminuídas.

Portanto,
é preciso insistir constantemente em uma única ideia-mestra:
a completa entrega ao Mestre de nosso ser,
ao Divino em nós e no mundo,
ao Self supremo, ao Espírito universal.

A buddhi deve sempre permanecer fixa nessa ideia-mestra
e desencorajar todas as suas próprias insistências
e preferências secundárias
e ensinar a todo o ser que o ego,
quer ele use a razão, a vontade pessoal e o coração
para apresentar suas exigências,
quer use a alma de desejo no *prana*,
não tem nenhum direito, qualquer que seja,
e todo pesar, toda revolta, impaciência, perturbação
é uma violência contra o Mestre do ser.

IGUALDADE

Superioridade
às reações da
mente e vida

- Unidade
- Entrega
- Desapego
- Aceitação

Essa completa entrega será o sustento principal do sadhaka,
porque é o único meio
– à parte a quietude e indiferença completas em relação a toda ação,
e isso deve ser evitado –
de alcançar a calma e a paz absolutas.

Não podemos permitir que a persistência da agitação, *asanti*,
e a duração do tempo necessária para essa purificação e essa perfeição
se tornem uma razão de desencorajamento e de impaciência.

A agitação vem porque há algo na natureza que responde ainda;
sua recorrência serve para expor a presença do defeito,
para pôr o sadhaka em guarda
a fim de que exerça uma vontade mais esclarecida e mais consistente
para desembaraçar-se desse defeito.

Quando a agitação é muito forte para ser mantida à distância,
é preciso deixá-la passar
e desencorajar seu retorno,
por meio de uma vigilância e uma insistência
ainda maiores da *buddhi* espiritualizada.

Se persistirmos,
perceberemos que essas coisas perdem cada vez mais a força,
tornam-se mais externas
e breves em sua recorrência,
até que, no final,
a calma se torna a lei do ser.

Essa norma persiste
enquanto a *buddhi* mental for o instrumento principal,
mas quando a luz supramental tomar posse da mente e do coração,
então não poderá mais haver
agitação,
tormento
ou perturbação,
pois a supramente traz
a força iluminada de uma natureza espiritual
em que essas coisas não acontecem.

Lá, as únicas vibrações
e as únicas emoções
são aquelas que pertencem à natureza da unidade divina,
que é o deleite, *anandamaya*.

Essa calma estabelecida em todo o ser
deve permanecer a mesma,
aconteça o que acontecer,
na boa saúde e na doença,
no prazer e na dor,
mesmo na dor física mais intensa,
na boa fortuna e no infortúnio,
o nosso próprio ou o daqueles que amamos,
no sucesso e no fracasso,
na honraria e no insulto,
no elogio e na censura,
na justiça ou na injustiça que nos é feita
– em tudo que em geral afeta a mente.

Se vemos a unidade em todo lugar,
se reconhecemos que tudo vem pela vontade divina,
se vemos Deus em tudo,
em nossos inimigos
ou, antes, em nossos oponentes no jogo da vida,
assim como em nossos amigos,
nos poderes que se opõem a nós e nos resistem,
assim como naqueles que nos favorecem e assistem,
em todas as energias e em todas as forças e eventos
e se, além disso,
pudermos sentir que nada está separado de nosso self,
que o mundo inteiro é uno conosco em nosso ser universal,
então essa atitude se torna muito mais fácil
para o coração e para a mente.

Mas mesmo antes de conseguirmos essa visão universal ou de estarmos estabelecidos nela com firmeza devemos, por todos os meios ao nosso alcance, insistir nessa igualdade ativa e receptiva e nessa calma.

Mesmo um mínimo disso, *alpam api asya dharmasya*, é um grande passo para chegar à perfeição;

uma primeira firmeza nisso é o começo de uma perfeição liberada, sua completude é a certeza perfeita de um progresso rápido em todos os outros elementos da perfeição, pois sem isso não temos uma base sólida;

e pela falta pronunciada disso recairemos constantemente no estado inferior de desejo, de ego, de dualidade, de ignorância.

Quando essa calma é adquirida,
as preferências vitais e mentais perdem sua força perturbadora
e permanecem apenas como um hábito formal da mente.

A aceitação ou rejeição vital,
a prontidão para acolher tal evento mais que um outro,
a aceitação ou a rejeição mental,
a preferência por aquela ideia ou aquela verdade
mais compatível do que uma outra,
a insistência da vontade para obter tal resultado antes que um outro
tornam-se um mecanismo formal,
ainda necessário,
como indicador da direção para a qual a *Shakti* deve voltar-se
ou, pelo momento,
é impelida a inclinar-se pelo Mestre de nosso ser.

Mas tudo isso perde seu aspecto perturbador
de forte vontade egoística,
de desejo intolerante,
de atração obstinada.

Essas aparências podem persistir por algum tempo,
em uma forma diminuída,
mas à medida que a calma da igualdade
aumenta, se aprofunda,
se torna mais essencial e compacta, *ghana*,
elas desaparecem,
cessam de colorir a substância mental e vital
ou ocorrem apenas como toques na mente física mais externa,
sem poder penetrar no interior
e, por fim, até mesmo essa recorrência,
esse aparecimento nas portas externas da mente, cessam.

Então, pode vir a realidade viva da percepção de que tudo em nós é feito e dirigido pelo Mestre de nosso ser,
yatha prayukto 'smi, tatha karomi,
que antes era só uma forte ideia ou uma fé,
com lampejos ocasionais e derivativos
da ação divina por trás dos devires de nossa natureza pessoal.

A partir de agora cada movimento será visto
como a forma que a *Shakti*,
o poder divino em nós,
dá às indicações do *Purusha*;

uma forma ainda personalizada, sem dúvida,
ainda diminuída na forma mental inferior,
mas que não é mais primariamente egoística,
uma forma imperfeita nem uma deformação evidente.

Temos, então, que ir mais além mesmo desse estágio,
pois a ação e experiência perfeitas
não devem ser determinadas por uma preferência mental ou vital,
qualquer que seja,
mas pela vontade espiritual reveladora e inspiradora
que é a Shakti em sua iniciativa direta verdadeira.

Quando digo:

“A tarefa que Tu me indicas, eu executo”,
introduzo ainda um elemento pessoal que limita,
uma reação mental.

Mas é o Mestre que executará sua obra
através de mim enquanto seu instrumento,
e não deve haver em mim nenhuma preferência mental ou outra,
que limite, interfira e possa ser fonte
de um trabalho imperfeito.

A mente deve tornar-se um silencioso canal luminoso para as revelações da Verdade supramental e da Vontade contida em sua visão.

Então, a ação será a ação desse Ser e dessa Verdade superiores e não uma versão diminuída ou incorreta na mente.

Se qualquer limitação, seleção, relação for imposta, será o Divino que a impõe a si mesmo no indivíduo, no momento e para seus próprios fins, não uma determinação obrigatória, definitiva e ignorante da mente.

O pensamento e a vontade tornam-se então uma ação do Infinito luminoso, uma formulação que não exclui outras formulações, mas, antes, as põe em seu lugar exato em relação a ela mesma e as abrange e transforma, ao mesmo tempo que se encaminha para formações mais vastas do conhecimento e da ação divinos.

A primeira calma a manifestar-se é da natureza da paz;
é uma ausência de toda inquietude, aflição e perturbação.

À medida que a igualdade se fortifica,
ela assume uma substância mais completa
de felicidade positiva e de bem-estar espiritual.

Essa é a alegria do espírito em si,
não depende de nada exterior para sua existência absoluta, *nirasraya*,
como a Guita descreve, *antah-sukho antararamah*:
uma felicidade interior que ultrapassa tudo,
brahmasamsparshan atyantam sukham asnute.

Nada pode perturbar esse estado;
ele se estende até mesmo às coisas exteriores vistas pela alma
e impõe também a elas a lei dessa tranquila alegria espiritual.

Sua base é ainda
a calma,
uma alegria neutra, constante, tranquila,
ahaituka.

E, à medida que a luz supramental cresce,
uma Ananda maior se manifesta,
que é a base do êxtase inumerável do espírito
em tudo que ele é,
em tudo em que se torna,
vê,
experiencia;

e é a base do sorriso da *Shakti*,
que cumpre de maneira luminosa
as obras do Divino
e leva sua Ananda a todos os mundos.

Quando é perfeita,
a ação da igualdade transforma todos os valores das coisas
a partir do poder da *anandamaya*.

A ação externa pode permanecer o que era ou pode mudar
– segundo a ordem do Espírito
e em conformidade com as necessidades do trabalho para o mundo –
mas toda a ação interior é de uma outra ordem.

A *Shakti* e seus diferentes poderes de
conhecimento, ação, fruição, criação, formulação,
se aplicarão aos diferentes objetivos da existência,
mas em outro espírito;
esses serão os desígnios, os resultados,
as linhas de ação estabelecidas pelo Divino em sua luz do alto,
não aqueles exigidos pelo ego
para seu próprio bem separado.

A mente, o coração, o ser vital, o próprio corpo
estarão satisfeitos com tudo que lhes vier
da autorização do Mestre de seu ser;

nisso, encontrarão uma satisfação espiritualizada
e um deleite mais sutis
e, contudo, mais completos;

mas o conhecimento e a vontade divinos acima
avançarão em direção à realização futura de seus propósitos.

Então,
sucesso e derrota perdem o sentido que, em geral, possuem:

não pode haver derrota,
pois o que acontece é a intenção do Mestre dos mundos,
não é final – é um passo em Seu caminho,

e se essa derrota se assemelhar a
uma oposição, um malogro, uma negação
e, mesmo por um instante,
a uma negação total do objetivo assinalado
ao ser que serve como instrumento,
isso será apenas em aparência
e, mais tarde,
essa derrota aparecerá em seu lugar verdadeiro
na economia da ação do Senhor;

uma visão supramental mais completa
pode mesmo ver de imediato ou de antemão
sua necessidade
e sua verdadeira relação com o resultado final,
ao qual ele parece tão contrário,
e parece mesmo interditar em definitivo.

Ou então, enquanto a luz for insuficiente,
se houve um erro de interpretação,
quer do objetivo, quer da linha de ação
e das etapas que conduzem ao resultado,
a derrota vem como uma retificação do erro,
e é aceita com calma,
sem causar desencorajamento ou flutuação na vontade.

No final, percebemos que a derrota não existe;
a alma sente um deleite igual, passivo ou ativo,
em todos os acontecimentos,
porque vê neles etapas e formulações da Vontade divina.

Essa mesma mudança acontece em relação
à boa ou à má fortuna,
ao agradável e ao desagradável sob todas as formas,
mangala amangala, priya, apriya.

Assim como é com os eventos,
assim é com as pessoas:
a igualdade traz uma mudança completa
do ponto de vista e da atitude.

O primeiro resultado da mente e do espírito em estado de igualdade é
efetivar uma caridade e uma tolerância interiores crescentes
em relação a todas as pessoas, às ideias, aos pontos de vista, às ações,
porque vemos que Deus está em todos os seres
e que cada um age conforme sua natureza, seu *svabhava*,
e suas formações atuais.

Quando há a Ananda igual, positiva,
esse estado se aprofunda
e muda em compreensão e simpatia
e, no final, em um amor universal igual.

Nada disso impede a diversidade das relações
nem as diferentes formações da atitude interior
segundo as necessidades da vida
como essa é determinada pela vontade espiritual,
e nada impede de afirmar com firmeza
essa ideia ou esse ponto de vista,
essa ação contra essa outra,
para as necessidades e os propósitos da vida
e, pela mesma determinação,
de resistir ou agir com vigor e opor-se interior ou exteriormente
às forças que buscam destruir o caminho do movimento decretado.

Pode haver aí mesmo uma investida da energia de *Rudra*,
que avança poderosamente
e despedaça o obstáculo humano ou outro,
porque é necessário para ele e para os propósitos do mundo.

Mas a essência profunda da atitude de igualdade não é alterada ou diminuída por essas formações mais superficiais.

O espírito, a alma fundamental, permanece a mesma, enquanto a *Shakti* do conhecimento, da vontade, da ação, do amor faz seu trabalho e assume as diversas formas necessárias à sua obra.

E, no final,
tudo se torna a forma de uma luminosa unidade espiritual,
com todas as pessoas, todas as energias, todas as coisas
no ser de Deus e da força universal única, luminosa, espiritual
e, nessa unidade,
nossa ação se torna parte inseparável da ação do todo,
não separada dela,
e sente perfeitamente cada relação como
uma relação com Deus em tudo
nos termos complexos de Sua unidade universal.

Essa é uma plenitude que é difícil descrever
na linguagem da razão mental divisora,
pois ela usa todos os opostos
ao mesmo tempo em que lhes escapa,
e tampouco pode ser expressa
nos termos de nossa psicologia mental limitada.
Ela pertence a outro domínio de consciência,
a outro plano de nosso ser.